

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E AFETIVIDADE ENTRE DOCENTES E ESTUDANTES

Autor 1: Guilherme William Udo Santos

Autor 2: Karin Gerlach Dietz

Autor 3: Mirian Queiroz de Souza Daniel

Autor 4: Patrícia Aparecida do Amparo

Modalidade: COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA



Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar a relação docente-discente em cursos superiores de educação a distância (EAD) sob o enfoque da afetividade. Partimos do suposto que apesar das especificidades do trabalho pedagógico no espaço virtual, na relação docente-discente sempre estão envolvidas trocas afetivas, positivas ou negativas. Participaram da pesquisa 16 docentes de licenciatura que responderam a um questionário enviado via e-mail. As respostas foram tabuladas e analisadas a fim de se atingir o objetivo proposto. Por meio desta pesquisa, identificou-se a importância dada pelos docentes à relação estabelecida com o discente, porém, alguns não objetivam superar as barreiras existentes no processo educacional que possibilitem uma afetividade positiva.

Palavras-chave: Educação a distância, Afetividade, Ensino superior.

Problema

Pode-se definir afetividade, segundo o dicionário Houaiss, com as seguintes acepções "qualidade ou caráter de quem é afetivo; conjunto de fenômenos psíquicos que são experimentados e vivenciados na forma de emoções e de sentimentos; tendência ou capacidade individual de reagir facilmente aos sentimentos e emoções" (AFETIVIDADE, 2018). Considerando que os fenômenos experimentados são de grande importância para o ser humano, essa característica sobre afetar e deixar ser afetado, ou seja, se render à emoção vivenciada, é primordial quando se analisa a relação entre docentes e discentes, já que ambos convivem na tensão de construir o conhecimento. A convivência nem sempre é tranquila e, nesse ponto, nos interessa entender qual a relação da afetividade dentro do processo.

Hack e Albuquerque (2016), em estudo sobre a afetividade na educação a distância, analisam a relação estabelecida entre tutores presenciais, tutores a distância e estudantes do Curso de Letras com habilitação em Português na modalidade EAD e averiguaram que para os sujeitos pesquisados, a afetividade é considerada fundamental para o processo de ensino-aprendizagem, sendo Mensagem via Ambiente Virtual de Aprendizagem o meio mais utilizado nesta relação, além de encontros face a face com tutores presenciais. Além deles, listam-se como ferramentas de interação na qual a afetividade pode ser exercida: Fórum, Chat, Videoconferência, e-mail, Skype, Facebook e telefone.

Os autores também apontam que as interações interpessoais podem estar atreladas tanto a características benéficas da construção de vínculos afetivos quanto prejudiciais. Das citadas como positivas, estão: estímulo à aprendizagem do conteúdo, demonstrar interesse, respeitar as individualidades, mostrar-se empático, ser cuidadoso. Enfatizam também a importância de se dar um rápido feedback aos estudantes, com conteúdo preciso e honesto. Dentre as prejudiciais, os participantes mencionaram: proximidade excessiva que transcende o processo educativo, manifestações de opiniões irrelevantes e mecanicidade das interações.

Silva, Shitsuka e Paschoal (2015) também analisaram a afetividade constituída em torno da educação a distância, no entanto, tiveram como sujeitos de pesquisa 76 estudantes. Os autores consideram que, na perspectiva dos participantes, a interação estabelecida no ambiente virtual é facilitada, pois os estudantes se sentem com maior liberdade para tirar dúvidas, isto é, sentem-se menos inibidos, já que acreditam que a mediação virtual facilita o processo e o torna menos embaraçoso.

Ainda com o objetivo de analisar o papel da afetividade na educação a distância, Campos, Melo e Rodrigues (2014), em uma unidade de pós-graduação a distância entrevistaram 20 pessoas, sendo quatro tutores e dezesseis estudantes. Relatam que o termo afetividade se relaciona com as palavras simpatia, empatia e relação harmoniosa, assim como respeito e ajuda em momentos difíceis e comprometimento. Os autores concluem que é impossível, no processo de ensino-aprendizagem, separar afetividade de afetividade, sendo importante o incentivo do tutor durante o curso, elevando o potencial de cada estudante. Assim, percebe-se que a afetividade pode ser um caminho a ser trilhado quando pensamos no sucesso do processo de ensino-aprendizagem e pode possibilitar que o estudante atinja os seus objetivos.

Mediante este cenário, a pesquisa será desenvolvida, considerando a pergunta: como os docentes do EAD relacionam afetividade e ensino superior?

Objetivos

Este trabalho apresenta como objetivo geral: Analisar a relação docente-discente em cursos superiores de ensino a distância. Como objetivos específicos, tem-se:

- Clarificar como os docentes significam a afetividade no EAD;
- Identificar o que limita a afetividade na relação docente-discente;

A seguir, será apresentado os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa e o seu referencial teórico.

Metodologia

Aplicou-se um questionário a 16 docentes de licenciatura que exercem a sua função na educação a distância, em cursos de Pedagogia, História e Letras. Um termo de consentimento livre e esclarecido foi apresentado a todos antes do preenchimento do questionário.

Os questionários foram enviados via e-mail e as respostas foram recebidas de maneira sigilosa em plataforma online. O instrumento da pesquisa possibilitou, inicialmente, a compreensão de dados referentes à formação, tempo de exercício profissional, vantagens e desvantagens de plataformas EAD que cada participante já utilizou e identificação das dimensões afetivas em sua atividade.

As perguntas que compunham o questionário eram:

- Área de formação

- Titulação
- Tempo de atuação no ensino superior
- Tempo de atuação no EAD
- Segmentos do Ensino Superior em que atua (graduação, especialização, mestrado, doutorado)
- Cursos em que leciona
- Quais as plataformas - ambientes virtuais de aprendizagem - utiliza ou utilizou?
- Quais as vantagens e quais as desvantagens de cada plataforma que utilizou?
- Quais os canais de interação docente-discente as instituições utilizam/utilizavam?
- Considera os canais utilizados suficientes para a interação que gostaria de estabelecer?
- Se não, quais seriam as suas sugestões de mudança?
- Quais palavras você relaciona à afetividade? Cite ao menos cinco.
- Quais palavras você relaciona à afetividade no EAD? Cite ao menos cinco.
- Você acredita práticas de sucesso no EAD à afetividade?
- Qual prática de sucesso poderia descrever que foi realizada por você?
- Há limites na prática afetuosa estabelecida na relação docente-discente? Quais?
- Existem formas de superar os limites apontados na questão anterior? Quais?

Os dados foram tabulados para posterior análise resultante nas conclusões que pudemos aferir até o momento. Também foi utilizado um gráfico digital que mostra o grau de frequência das palavras em um texto (Nuvem de Palavras / *Word Cloud*), a fim de verificar o campo semântico do termo afetividade e afetividade no processo de ensino-aprendizagem, em específico, no EAD. A nuvem de palavras depois ajudará no entendimento do que cada professor entende por afetividade em um possível avanço da pesquisa.

Esboço de fundamentação teórica

Encontra-se nos estudos de Wallon (1879-1962) contribuições para o entendimento do desenvolvimento humano e do processo educacional. O autor enfatiza o papel da afetividade na constituição da pessoa. A afetividade, juntamente com os conjuntos funcionais motor, cognição e pessoa, seria essencial no processo de desenvolvimento e construção do conhecimento. Segundo a teoria walloniana, o conjunto afetivo oferece as funções responsáveis pelas emoções, paixões e sentimentos, “que são sinalizadores de como o ser humano é afetado pelo mundo interno e externo” (MAHONEY, 2004, p. 17).

A emoção, para Mahoney e Almeida (2005), seria a exteriorização da afetividade, isto é, a sua expressão motora e corporal e aparece desde os primeiros

dias de vida. Para as autoras, "das oscilações viscerais e musculares vão se diferenciando as emoções: medo, alegria, raiva, ciúme, tristeza" (p.20). O sentimento "corresponde à expressão representacional da afetividade. Não implica reações instantâneas e diretas como na emoção" (p.21). Já a paixão, "revela o aparecimento do autocontrole para dominar uma situação" (p. 21).

A afetividade é expressa de diferentes maneiras nos estágios de desenvolvimento por qual passa o sujeito. As formas de interação e sua qualidade vão sendo ressignificadas pela pessoa ao longo do tempo. Por exemplo, crianças de sete anos ainda têm forte dependência em relação ao adulto, relação que se modifica com a passagem da adolescência e chegada da vida adulta. Manifestações epidérmicas são substituídas por outras exigências afetivas, como necessidade de atenção, de respeito e justiça. Em função disso, "perceber e compreender essas mudanças representam um caminho eficiente para resolver boa parte dos conflitos que surgem na relação eu-outro" (DÉR, 2004, p. 75)

Mahoney e Almeida (2005) pontuam que a colocação de limites também é uma expressão da afetividade, necessária em qualquer fase de desenvolvimento do sujeito.

Nesta perspectiva, cabe ao professor conhecer a trajetória do estudante, adequando seu ensino às diferentes necessidades afetivas, que são mutáveis ao longo do desenvolvimento do sujeito e também se modificam de pessoa para pessoa. Como pontua Wallon (1975, p. 224), "[o professor] deve, desta maneira, ser uma perpétua remodelação de ideias: deve modificar as suas próprias ideias pelo contato permanente com uma realidade que é móvel, feita da existência de todos e que deve tender para o interesse de todos".

Mas e o estudante adulto? Como se dá a relação afetiva? Nesta fase, conforme pontuam Mahoney e Almeida (2005), o sujeito conhece melhor seus limites, suas possibilidades, pontos fracos e fortes, seus sentimentos e valores, mostrando melhores condições para acolhimento e receptividade de seus pares.

A partir desse referencial teórico, articulado com o processo de ensino-aprendizagem, pretende-se analisar a relação docente-discente em cursos superiores de educação a distância.

Resultados e Discussão

Em relação aos participantes da pesquisa, cinco são do sexo masculino e onze do sexo feminino. Dos homens, quatro são mestres e um é doutor. Das mulheres, oito são mestras, uma é especialista e duas são doutoras. O tempo de atuação na docência varia de forma brutal, há aqueles que atuam há 30 anos e outros que iniciaram sua carreira na docência há quatro meses, juntamente com a atuação no EAD, representando um universo novo de professores que iniciam seus trabalhos já em ambientes virtuais.

Dos 16 participantes, nove lecionam na graduação e pós-graduação e sete apenas na graduação. Todos fazem uso do *Blackboard* como ambiente virtual de interação. Nove também se utilizam do *Moodle*. Sobre o ambiente de aprendizagem, em específico o *Blackboard*, os docentes listaram algumas desvantagens no seu uso, como recursos limitados, referentes, por exemplo, às

possibilidades de correção das atividades, interação entre estudantes e entre estudantes e docente, padrão estético formal, de difícil navegação e pouco intuitivo. Segundo Feliciano, Barbosa e Matto (2015), o *Blackboard*:

[...] é um sistema desenvolvido para ser utilizado nas práticas educativas que se interessam pela aplicação de novas tecnologias interativas da rede no processo de ensino-aprendizagem, contribuindo e potencializando ambas as formas, presencial ou a distância. Tal sistema é modelado conforme a necessidade da instituição e propõe ao corpo docente autonomia na escolha e utilização das diversas ferramentas possíveis para a obtenção da melhor experiência educacional (p. 5).

Já em relação ao *Moodle*, outro ambiente virtual de aprendizagem também utilizado pelos professores, Rostas e Rostas (2009) o caracterizam como gratuito e adaptável:

Além de ser gratuito e *open source*, o Moodle permite que seu ambiente seja modelado para se adequar às necessidades e ao projeto de cada instituição. Possui interfaces para interação síncrona e assíncrona entre os participantes do processo de ensino-aprendizagem e está baseado em um paradigma de aprendizagem colaborativa. Apesar de oferecer recursos para uma proposta pedagógica inovadora, isso dependerá da postura da escola, do professor e de suas concepções de ensinar e aprender (pp. 139-140).

Pode-se apreender que tanto o *Blackboard* quanto o *Moodle* podem ser modelados de acordo com as necessidades da relação docente-discente, porém entende-se que os professores se adaptam ao ambiente e fazem uso dos canais de comunicação oferecidos, conforme exposto a seguir.

Dos canais de comunicação utilizados na interação com dos discentes, 12 listaram o Fórum de discussão, ambiente de interação aberto para todos os discentes, como principal meio utilizado de troca de mensagens e sete docentes fazem uso de mensagens privadas enviadas por meio do ambiente de aprendizagem.

Três docentes responderam que os canais de comunicação não são suficientes para a interação estabelecida com os estudantes e indicam canais específicos de comunicação para aprimorar o contato, como *WhatsApp Web*, *Webconferência*, articulação com redes sociais e encontros fora do ambiente virtual.

Na imagem a seguir, apresenta-se o campo semântico que os pesquisados têm como referencial ao serem questionados sobre o que é a afetividade.

Imagem 01 – Nuvem de palavras referente ao tema afetividade: palavras elencadas pelos docentes.



Pode-se perceber o destaque dado às palavras CARINHO, RESPEITO, ATENÇÃO e AMOR. Desta maneira, percebe-se que a relação afetiva para o campo pesquisado é de referencial positivo e muito relacionado ao tratamento dado em relações amigáveis.

Já na imagem abaixo, apresenta-se o campo semântico quando os pesquisados foram questionados sobre afetividade e EAD.

Imagem 02 – Nuvem de palavras referente ao tema afetividade e EAD: palavras elencadas pelos docentes.



Percebe-se um grande apreço pela palavra RESPEITO. Em uma análise inicial, podemos inferir que muitos atribuem ao respeito as boas práticas interativas em ambientes virtuais de interatividade. Ao relacionar à sala de aula tradicional,

percebe-se que nesse aspecto nada difere, uma vez que o respeito na relação docente-discente é primordial para o bom andamento das atividades. Chama a atenção também as palavras ATENÇÃO e INTERAÇÃO, já que ambas são referências às práticas que fazem com que o EAD seja mais próximo das relações presenciais, uma vez que os estudantes precisam interagir com seus docentes e tutores, que por sua vez precisam dar a atenção devida, de forma que o conhecimento possa ser construído e a relação seja proveitosa para ambas as partes.

Os participantes, quando questionados se há limitação afetiva no EAD, ressaltam alguns aspectos significativos, como por exemplo, a grande quantidade de estudantes que tem por disciplina: *“Há um limite, pois o EAD trabalha com escala. Não é possível trabalhar com escala (grande quantidade de estudantes) e traçar um canal de afetividade e atenção total as respostas e interações”* (sic).

Outros participantes pontuam a diferença entre afetividade e intimidade:

“[...] deve-se ter cuidado para não confundir laços afetivos familiares e amorosos. A distância emocional deve ser mantida” (sic).

“A afetividade não deve ultrapassar o respeito e virar intimidade. Pessoas íntimas tendem a 'achar' que tudo pode se dar um 'jeitinho', pois são íntimos” (sic).

“A prática afetuosa em nada tem a ver com a informalidade excessiva, como utilizar apelidos ou questionar situações da vida pessoal do estudante” (sic).

“Toda relação deve ser afetuosa, contudo, há uma linha sutil que precisa ser observada por todos os que trabalham com EAD. É aquela que demarca o equilíbrio entre a aproximação desejada (pelo aluno) e o distanciamento necessário (do professor) sem, no entanto, interferir na relação afetiva” (sic).

“[...] não devemos invadir o campo das relações pessoais. Isto vale tanto para o discente, quanto para nosso estudante, em relação aos seus professores” (sic).

Outro aspecto observado por um dos professores, relaciona-se a barreiras éticas: *“[há limites] quando ultrapassa a formalidade e a ética estabelecida no ambiente acadêmico* (sic). Algo semelhante é exemplificado por outro professor, quando responde: *“[há limites] quando as mensagens enviadas têm um cunho de cobrança com palavras em negrito ou em maiúsculo”* (sic).

Outros participantes ressaltam que a relação mediada pela tecnologia dificulta a interação afetiva:

“A identificação e a formação de vínculos torna-se mais difícil de se alcançar com a mediação da tecnologia” (sic).

“[...] é importante estabelecer limites em quaisquer relações, inclusive naquelas entre docente-discente. Precisamos compreender que o docente tem a responsabilidade por aquele estudante, responsabilidade de formação e transformação. Há momentos em que o limite é o ambiente virtual” (sic).

Um dos professores enfatiza aspectos burocráticos que dificultam a relação, como por exemplo: *“questões de secretaria”* (sic).

Três participantes consideram que não há limites na relação afetiva estabelecida com os estudantes. Um deles pontua e complementa sua resposta: *“Na realidade, não acredito que exista um limite para o modo como as pessoas se afetam entre si e como o mundo às afeta”*.

Tébar (2011) considera o campo afetivo-relacional fundamental no planejamento pedagógico e lista algumas formas de apoio essenciais na relação docente-discente:

- Demonstrar ter conhecimento de cada aluno e interesse por ele.
- Manter relações de proximidade e confiança.
- Despertar motivação, interesse e vontade de aprender e superar-se.
- Envolver, exigir autocontrole e altas expectativas de cada aluno.
- Ajudar a aumentar a autoestima de cada aluno.
- Promover autonomia, protagonismo e responsabilidade.
- Despertar sentimentos de empatia com os mais necessitados (pp. 151-152).

Mas como realizar isto na prática do EAD, diante das barreiras enfrentadas, por exemplo, pela quantidade de discentes por disciplina ou limitações do ambiente de aprendizagem?

Castro, Melo e Campos (2018), a partir da análise de trabalhos sobre o tema afetividade no EAD, destacam as seguintes questões a serem consideradas na mediação pedagógica no EAD para aliar aprendizagem a relação afetiva:

- A motivação intrínseca pode se voltar para uma relação positiva e afetiva com o objeto do conhecimento. O professor pode contribuir com estímulos nesse sentido, acionando as emoções que vinculem o aluno ao objeto do conhecimento;
- Em fóruns de discussão é possível reconhecer a manifestação da afetividade por meio de diversos recursos linguísticos. O professor precisa estar atento à possível sensação de isolamento, bem como dificuldade do aluno em reconhecer a sua própria competência metacognitiva sem auxílio;
- A postura do professor pode interferir diretamente na aprendizagem do aluno e essa postura não vincula a rigorosidade docente à interferência negativa, mas seria negativa se não estivesse garantida a abertura ao diálogo e negociações;
- Oferecer um clima de segurança, respeito, rapidez nas respostas, proximidade e até bom humor podem vincular mais e melhor o aluno ao curso;
- A qualidade do vínculo afetivo entre o professor e aluno da EaD pode diminuir a possibilidade de evasão;
- É desejável a adoção de tecnologias que aproximem os sujeitos em um curso na modalidade EaD, com recursos que otimizem a percepção, comunicação e expressão de sensações;
- A forma com que o professor avalia e comunica o seu feedback, com clareza e cuidado na explicação também incorporam manifestações afetivas, inclusive porque a recepção de feedback avaliativo quase sempre depende alguma emoção, então o cuidado na emissão do feedback pode transformar essa emoção em elemento propulsor para avanços na aprendizagem e maior engajamento no curso (p. 286).

Dentre as possibilidades registradas pelos sujeitos da pesquisa como passíveis de superar os limites na prática afetiva estabelecida na relação docente-discente, destacam-se as seguintes:

"Seria importante romper a hierarquia que existe entre o estudante e o professor. O professor é muitas vezes tratado como o detentor dos saberes e o estudante como alguém que deveria recebê-los" (sic).

"A forma é através de mensagens com conotação de compreensão e gentileza" (sic).

"Acredito que não seja interessante [superar os limites na prática afetiva], visto que tratamos de relações acadêmicas, tanto no EAD quanto no ensino presencial. É fundamental mantermos "alguma distância" nas relações interpessoais" (sic).

Por meio das respostas dadas pelos participantes, identificou-se que a quantidade de discentes por disciplina dificulta um contato mais próximo e uma relação afetiva positiva.

Em estudo realizado por Rigo (2014), são apontados por professores os fatores que mais limitam o aprendizado on-line. A autora esclarece:

[...] a falta de comprometimento do aluno, em contextos virtuais de aprendizagem, é o fator que limita o aprendizado na concepção dos sujeitos pesquisados, bem como, a pouca interação do professor, a disponibilidade de tempo para interagir no ambiente aliada as dificuldades para entender a linguagem dos ambientes (plataformas), podem ser considerados limitadores no aprendizado on-line. Acreditamos que tais fatores podem estar intimamente interligados. Acreditamos ainda que a falta de comprometimento pode estar equivocadamente ligada à avaliação de que cursos on-line apresentam um nível de exigência menor, o que leva a pouca interação e, conseqüentemente, à dificuldade de dominar a linguagem utilizada nesses ambientes (p. 85).

Os ambientes virtuais de aprendizagem possibilitam uma boa relação, porém apresentam algumas limitações, que poderiam ser superadas com a utilização de outros meios de comunicação, complementares, e assim, por exemplo, romper com as hierarquias e replicar mensagens que possibilitem uma interpretação que denote compreensão e gentileza. Alguns exemplos de respostas sobre as possibilidades de superação das limitações da prática afetiva no EAD são dados a seguir:

"Treinamento, palestras, reunião de formação" (sic).

"Fazendo-se presente na relação com o estudante. Afinal, educação a distância pode ser sinônimo de presencialidade" (sic).

"Atenção, simpatia" (sic).

"Sim, respeitando e orientando com respeito e distância emocional" (sic).

"Lidar de forma educada, mas sem intimidade. Uma regra deve ser válida para todos" (sic).

"Diminuir a quantidade de estudantes por professor e tutor" (sic).

"Através de contratos criteriosamente construído pelos envolvidos" (sic).

"A forma é através de mensagens com conotação de compreensão e gentileza" (sic).

“Dependendo do caso é mais efetivo ligar para o estudante, fazê-lo perceber nosso apreço e atenção, nossa preocupação com ele, nossa afetividade” (sic).

“Seria importante romper a hierarquia que existe entre o estudante e o professor. O professor é muitas vezes tratado como o detentor dos saberes e o estudante como alguém que deveria recebê-los” (sic).

Um dos professores participantes, no entanto, responde não ser interessante superar as limitações das interações no EAD, conforme exposto abaixo:

“Acredito que não seja interessante, visto que tratamos de relações acadêmicas, tanto no EAD quanto no ensino presencial. É fundamental mantermos “alguma distância” nas relações interpessoais” (sic).

Conclusão

A princípio, notou-se que os educadores associam a prática afetiva a reações e interações positivas. Assim, percebe-se que mesmo na visão dos educadores, aquilo que já havia sido percebido por parte dos alunos em outras pesquisas é válido: a afetividade permite que o processo de ensino-aprendizagem seja mais prazeroso tanto para o docente quanto para o discente e, desta maneira, ambos se sentem mais confortáveis no processo e rendem mais. Fato que pode ser corroborado pelo sentimento de liberdade e tranquilidade que o aluno tem ao fazer perguntas para os docentes que consideram afetivos.

Nenhum dos sujeitos de pesquisa associou a palavra afetividade à limitação. Também não foram apreciadas diferenças significativas entre afetividade e afetividade no EAD. Tais dados permitem inferir que os sujeitos pesquisados não diferenciam as relações estabelecidas no cotidiano com as relações estabelecidas, especificadamente, no processo de ensino-aprendizagem no EAD.

Sugere-se, em pesquisas futuras identificar e indicar possibilidades de práticas pedagógicas inovadoras que considerem a afetividade na educação a distância e que superem as dificuldades encontradas atualmente.

Referências bibliográficas

AFETIVIDADE. *Dicionário Houaiss*, 20 mai 2018. Disponível em <<https://houaiss.uol.com.br/m>>. Acesso em 20 mai. 2018.

CAMPOS, Ilka Maria Soares; MELO, Márcia Sandra Meireles de; RODRIGUES, Joventina Firmino. Educação a distância: o desafio da afetividade na percepção de tutores e alunos. In: *Anais... 20º congresso internacional ABED de educação a distância*. Curitiba. p.1-10, 2014.

CASTRO, Eunice; MELO, Keite Silva; CAMPOS, Gilda Helena Bernadino. Afetividade e motivação na docência online: um estudo de caso. *RIED. Revista Iberoamericana de Educación a Distancia*, [S.l.], v. 21, n. 1, p. 281-301, ene. 2018.

DÉR, Leila Christina Simões. A constituição da pessoa: dimensão afetiva. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. *A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 61-75.

FELICIANO, Paula de Oliveira; BARBOSA, Ricardo Antonio Gomes; MATTA, Cláudia, Eliane da. Monitoramento e avaliação de projetos integradores através da utilização do ambiente virtual "Blackboard". In: *Anais... 21º congresso internacional ABED de educação a distância*. Bento Gonçalves. p.1-10, 2015.

HACK, Josias Ricardo; ALBIQUERQUE, Daniela Aparecida de. Afetividade na educação a distância: um estudo de caso sobre o curso de Letras-Português na modalidade a distância da UFSC. *Revista Educação e Linguagens*, Campo Mourão, v. 5, n.9, jul-dez, 2016.

MAHONEY, Abigail Alvarenga. A constituição da pessoa: desenvolvimento e aprendizagem. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. *A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 13-24.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. *Psic. da Ed.*, São Paulo, p. 11-30, 2005.

RIGO, Rosa Maria. *Mediação pedagógica em ambientes virtuais de aprendizagem*. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação - Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2014.

ROSTAS, Márcia Helena Sauáia Guimarães; ROSTAS, Guilherme Ribeiro. O ambiente virtual de aprendizagem (moodle) como ferramenta auxiliar no processo ensino-aprendizagem: uma questão de comunicação. In: SOTO, U.; MAYRINK, MF.; GREGOLIN, IV. (ORGs). *Linguagem, educação e virtualidade* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p. 134-151.

SILVA, Priscilla Chantal Duarte; SHITSUKA, Ricardo; PASCHOAL, Patrícia Aparecida Gomes. Afetividade nas interações em AVA: um estudo sobre a interação na educação a distância. *Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância*, v.14, p. 11-20, 2015.

TÉBAR, Lorenzo. *O perfil do professor mediador*. São Paulo: SENAC, 2011.

WALLON, Henri. *Psicologia e educação da infância*. Lisboa: Editora Estampa, 1975.